



## UMA ANÁLISE SOBRE A CULTURA E A DEMOCRACIA GREGA AO LONGO DO PERÍODO ARCAICO (VIII-VII A.C)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3890

Giovana Oliveira Silva, UEM  
Daiana Moreira da Rocha, UEM

### Resumo

O objetivo do presente trabalho é apresentar as análises de alguns historiadores, que desenvolvem pesquisas relacionadas ao período Arcaico na Grécia (VIII-VII a.C). Sendo assim, essas pesquisas são direcionadas ao estudo dos aspectos culturais e democráticos da Grécia, no referido período estudado. Alguns autores como exemplo, Torrano que discorre sobre a genealogia e hierarquia dos deuses e heróis da mitologia grega, sendo que, os gregos consideram que o Universo havia surgido através de quatro deuses, Kháos, Gaía, Tártaro e Eros. Peter V. Jones que analisa o imaginário grego, escrevendo que para eles, havia muitos deuses, cujo chefe era Zeus, líder dos deuses do Olimpo. Claude Mossé que aborda as principais etapas da formação da democracia ateniense de Sólon a Péricles, passando por Clístenes e Efialtes. Dessa forma, utilizamos como método geral, a pesquisa qualitativa, e de uma maneira específica, uma análise da relação entre deuses e seres humanos, e o surgimento da democracia ateniense. Dessa forma, acreditamos que o trabalho apresentado aqui como resumo, se justifica, sendo que, quando analisamos o contexto cultural e político da sociedade grega, observamos a presença de um legado cultural e democrático deixado pela Grécia, cuja herança se estende, para a filosofia que se baseia em Aristóteles, Platão e Sócrates, a educação que teve seus primeiros conceitos e regulamentações desenvolvidas no mundo grego e em termos políticos, o direito da participação dos cidadãos nas decisões políticas.

### Palavras Chave:

Atenienses; Mitologia;  
Legado.

O presente trabalho tem como objetivo, analisar a mitologia e a democracia grega, levando em conta a cosmovisão dos gregos sobre a origem do universo e a sua luta pela retirada dos tiranos do poder. Dessa forma, apresentamos como justificativa o fato de que fomos instigados a desenvolver esse trabalho sobre a Grécia com o intuito de compreender as possibilidades que temos de análise das raízes da nossa sociedade atual, acrescentamos também, que analisaremos as interpretações da historiografia que relacionam a mitologia grega com a democracia, já que os humanos imaginavam que os deuses tinham um papel central na maneira com a qual funcionava o mundo, ou seja, acreditava-se que sem os deuses não haveria as cidades.

Sendo assim, denomina-se Grécia Antiga o mundo antigo grego e as áreas próximas, tais como Chipre, Anatólia, sul da Itália a França e costa do mar Egeu, e assentamentos gregos no litoral de outros países como Egito. Os antigos gregos denominavam-se helenos. A região que delimita a Grécia antiga, por um lado é o Mar Mediterrâneo e, por outro, a alternância de montanhas rochosas e despenhadeiros e alguns vales férteis.

Dessa forma, analisaremos os estudos de alguns historiadores, tal como, Torrano, Vernan, Jones e Funari, que escrevem acerca da origem do universo, sendo que, no início havia apenas o Caos, logo, surgem Urano (céu) e Gaia (terra), desses surgem os Titãs e dos Titãs os deuses, cuja origem discorreremos ao longo do trabalho.

Em seguida abordaremos a religião grega, constituída por diversos deuses da sua mitologia. Além disso, tomaremos como referência as interpretações do historiador Peter Jones, sobre as semelhanças e diferenças entre os deuses e os humanos.

Sendo assim, daremos atenção também, ao contexto político do mundo

grego assim como ao processo de formação da democracia ateniense. Dessa forma, concluiremos discorrendo acerca da herança cultural deixada pela Grécia e seu legado que constitui a nossa sociedade atual.

Assim, para compreendermos a mitologia grega devemos nos distanciar da tradição judaico-cristã, pois para os gregos, os deuses comportavam-se e tinham características semelhantes às dos humanos. Essas divindades tinham personificações de sentimentos humanos, como ódio, amor e ciúmes. O que diferenciava um deus dos mortais era sobretudo sua imortalidade, seus poderes, ausência de doença e envelhecimento

Então, de acordo com Funari (2009) a mitologia também explicava aos gregos a origem do universo, tal como, o surgimento dos Titãs e Titanesas, e a fecundação de Gaia:

No começo, havia o Caos, ou Vazio, do qual saem Urano (Céu) e Gaia (Terra) e de sua união surgem os Titãs e as Titanesas. De todos os Titãs o mais importante para o desenvolvimento do mundo foi Cronos (Tempo), o caçula. Cronos, com uma foice, cortou os testículos de seu pai Urano e o sangue da ferida caiu sobre a Gaia, fecundando-a. (FUNARI, 2009, p.59).

Cronos havia devorado os seus filhos, tido com a Titanesa Réia, logo Zeus que foi salvo por sua mãe, para que assim, Zeus pudesse crescer para Funari: “[...] Por artimanha da mãe, que lhe deu uma pedra no lugar de Zeus (chamado de Júpiter pelos romanos) este pôde crescer [...]” (FUNARI, 2009, p.59).

Então Cronos foi derrotado por seu filho Zeus após uma longa batalha e foi enviado para o Tartáro. Dessa forma, os três grandes deuses Zeus, Poseidon e Hades, passaram a governar o céu e a terra, o mar e o reino dos mortos. Tal como afirma Pedro Paulo Funari:

Afrodite (Vênus) deusa da beleza e da fertilidade; Apolo, deus das artes; Ártemis (Diana), deusa da caça e da castidade; Hefesto, deus do fogo; Ares (Marte), deus da guerra Hermes (Mercúrio), deus da fertilidade e do comércio e Dioniso (Baco), deus do vinho. (FURNARI, 2009, p.59).

Ainda sobre a origem do universo, Hesíodo também afirma que: “Sim bem primeiro nasceu o Caos, depois também Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre [...]” (TORRANO, 1992, p.40).

Dessa forma, para os gregos, havia muitos deuses em um panteão, cujo chefe era Zeus, líder dos deuses do Olimpo. Porém eles não fizeram o mundo. Antes mesmo de sua existência já existiam outras divindades: “A Noite (Núx), o Vazio (Kháos), a Terra (Gaía) e outras divindades já existiam antes deles [...]” (JONES, 1997, p.89).

Além da origem do universo, podemos perceber essa relação dos deuses com os humanos nos poemas cantados<sup>1</sup> de Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*. A *Ilíada* descreve o décimo ano do conflito entre gregos e troianos, destacando principalmente o conflito entre o guerreiro grego Aquiles, e o príncipe troiano Heitor. Durante essa batalha percebemos a participação de dois deuses, Hefesto, responsável por fazer a armadura de Aquiles, e Atena, que, participando diretamente da luta na defesa dos gregos, acabou por aparecer a Heitor fingindo ser seu irmão, e encorajando-o a lutar contra Aquiles, confirmando que o ajudaria a vencer a batalha.

Assim, no decorrer da batalha, Aquiles jogou a sua lança contra Heitor que se abaixou e evitou ser atingido. Rapidamente, Heitor revidou mandando

a sua lança, que atingiu o escudo de Aquiles. Atena interferiu dando a Aquiles outra lança, e quando Heitor pediu a ajuda de seu irmão para derrotar Aquiles ninguém apareceu, então, Heitor tentou atacar Aquiles com a sua espada, mas Aquiles o matou e levou o seu corpo para o acampamento grego.

No poema épico a *Odisseia*, Homero discorre sobre as aventuras de Odisseu durante o seu retorno de Tróia até a ilha de Ítaca. Também percebemos a intervenção de um deus, quando Ulisses e seus guerreiros estão voltando de Tróia para a casa, o deus do vento gélido do Norte, provocou uma tempestade que fez com que os gregos se perdessem, chegando numa ilha de gigantes ciclopes. Esses gigantes destruíram 11 navios gregos cujos tripulantes foram mortos, sendo que, apenas o barco de Odisseu conseguiu escapar, mas os tripulantes desse barco se queixaram raivosos contra Zeus, que acabou atingindo o navio de Odisseu, e apenas se salvou da morte, regressando para a casa dez anos depois.

Considerando tais exemplos, imaginamos que entender a religião se torna mais difícil em comparação com outras religiões, uma vez que a religião grega apresenta certas apreensões e complexidades excluem uma forma única de explicação para o sentido de da experiência humana no universo. Como descreve Vernant:

[...] Esses reagrupamentos de deuses não obedecem a um modelo único, que tenha valor privilegiado; eles se ordenam numa pluralidade de configurações que não se superpõem exatamente, mas sim compõem um quadro de várias entradas, de eixos múltiplos, cuja leitura varia em função do ponto de partida considerado e da perspectiva adotada. (VERNANT, 2006, p. 30).

Sendo assim, os estudos dos autores demonstrados acima, nos possibilita analisar as características que

<sup>1</sup> Para mais informações consulta a obra FINLEY, M I: O legado da Grécia: Uma nova avaliação. Tradução de Yvette Vieira P. de Almeida. Brasília: UnB, 1998.

compõem a mitologia grega, como exemplo, a origem do universo, as semelhanças e diferenças entre os deuses e os humanos, os momentos em que os deuses interferem na vida dos humanos, seja para ajudá-los, como na guerra de Tróia (retratada no poema *Ilíada*) quando Atena e Hefesto ajudam Aquiles; ou para atrapalhá-los, como no poema a “*Odisseia*” ao qual nos mostra, o deus do vento gélido do norte e Zeus, que agiram contra a tripulação de Odisseu. Percebemos também que interpretar a religião grega é mais difícil do que fazê-la com as outras religiões, porque o seu universo de organização está constituído por uma pluralidade de configurações que exclui uma única forma de interpretação.

Para mais, antes de analisarmos o período arcaico, vamos nos remeter ao processo de desenvolvimento da democracia na Grécia antiga. Especificamente à cidade-estado de Atenas que foi o berço do sistema democrático grego. Tal como, todo o mundo grego passou por um longo processo de transformação até chegar numa democracia. Passaram pelos tempos obscuros, depois pelos legisladores e em seguida pelos tiranos, para então chegar ao governo, pelo qual, parte da população poderia participar das decisões. Assim, para compreender esse processo de transformação com o qual a Grécia passou, até chegar numa democracia, devemos abordar à chamada “época das trevas”, que é compreendida como o período cuja história concreta, não se tem certeza por ter sido marcada pela falta de fontes escritas, como discorre Claude Mossé:

Esse período, <<the dark ages >> no dizer dos Anglo-Saxões, foi julgado obscuro porque, na falta de documentos escritos, pouca coisa se sabe sobre aquilo que possa então ter-se passado no mundo egeu. Além do mais, não se tratou com toda a evidencia de uma época risonha: entre a sumptuosidade e a grandeza da civilização micénica e

o esplendor da civilização grega arcaica e clássica, ela representa um momento inegável de declínio e de empobrecimento material e artístico”. (MOSSÉ, 1989, p.32).

Outras possibilidades de fontes que temos, para compreender esse período são as escavações arqueológicas que, de acordo com Jones (1997), nos permite conhecer até mais que os gregos sobre as suas origens. Para ele:

A arqueologia permite-nos saber até mais que os próprios gregos sobre suas origens. As escavações de Sir Arthur Evans em Cnossos, na ilha de Creta, e outras explorações mais recentes de sítios arqueológicos revelaram uma sociedade de palácios ricos e labirínticos que floresceu de c.2200 a 1450 (a sociedade minoica, assim chamada por causa de Minos, o lendário rei cretense) (JONES, 1997, p.2).

O que existe para nós de fontes escritas, são os poemas “*Ilíada*” e “*Odisseia*” os quais foram escritos por Homero que tinha por referência, memória e inspiração um mundo bem anterior. Nestes poemas, podemos observar que a sociedade era formada por reis e nobres, senhores de terras e rebanho. Para Jones: “Os poemas épicos *Ilíada* e *Odisseia*, que assumiram a forma em que os conhecemos por volta do século VIII, tinham por base um mundo bem anterior onde havia reis locais e ricos palácios”. (JONES, 1997, p.1).

Ao saírem da Idade Escura, no século VIII, já era possível observar o grande número de famílias aristocratas que dominavam as comunidades, desaparecendo assim, a figura de um monarca. Esses aristocratas eram proprietários das melhores terras e seu poder era justificado pela autoridade que lhes provinha de seus antepassados. A figura do rei foi substituída por magistrados e por conselhos de nobres. Aos poucos, surgiram povoados e foram construídos praças e templos e depois

surgiram as póles.

Claude Mossé faz uma análise clara da importância da cidade-estado. Para ela a cidade-estado grega, não significava apenas uma cidade no sentido estrito da palavra:

Como se sabe, a cidade-estado grega não é apenas uma cidade na vulgar acepção da palavra. Decerto que o seu caráter urbano distingue dos Estados-templos ou dos Estados palacianos, cujo centro, sede do poder, residia no santuário da divindade ou no palácio do rei, mas neste caso concreto, a cidade começa por ser antes dos mais o local onde se realizam as assembleias que reúnem todos os membros da comunidade e representam a expressão de um poder colectivo. (MOSSÉ, 1989, p.35).

Agora, concentraremos a explicação dos autores estudados, no desenvolvimento da política nas duas grandes póles, Esparta e Atenas. Lembraremos que foi um período marcado pelos grandes legisladores, como Licurgo, Drácon e Sólon. Em Esparta a sociedade era formada por três classes distintas, onde a classe dominante era formada pelos espartanos, de origem dórica e os servos eram os hilotas, que eram usados para realizar os mais diversos trabalhos. Os espartanos tinham uma organização política chamada oligárquica, regida por leis, funções religiosas e militares.

Assim, Funari (1989) escreve como se exercia e se constituía o poder em Esparta:

[...] Era composta pelos dois reis de Esparta [...] e mais 28 anciãos [...] que ocupavam o cargo de maneira vitalícia após terem sido eleitos por aclamação pela assembleia dos homens adultos de Esparta. Esta assembleia, cujos poderes não eram de fato muito grandes, também elegia por aclamação os cinco éforos (éforo- espécie de

prefeito, que permanecia no cargo por um ano) com poderes executivos. [...] (FUNARI, 1989, p.30).

Atenas, durante o período arcaico, era dividida entre os eupátridas, pequenos proprietários de terras e os trabalhadores livres. Nesta época Atenas era constituída por uma oligarquia, cuja liderança era dos eupátridas. Nessa época a economia era basicamente agrícola, os eupátridas passaram a pressionar as classes menos abastadas, o que gerou insatisfação e lutas entre as classes, ocasionando uma reforma do governo. Foi Sólon um dos grandes legisladores da época que redigiu as novas leis para Atenas, percebe-se que os legisladores foram importantes para essa época, uma vez que as leis passaram a ser escritas, assim, veremos também, a época que foi marcada pela tirania, acompanharemos o decorrer desse processo. Esses tiranos que eram líderes políticos apoiados pelas massas, fizeram com que o direito de cidadania fosse ampliado. Este período foi decisivo no processo de transição do poder oligárquico da nobreza para formação da democracia como transcreve Jones:

[...] Em muitas comunidades surgiram homens que se ressentiam de serem excluídos do poder e exploravam os descontentamentos e o poderio militar dos cidadãos para conquistar poder pessoal [...] Esses usurpadores eram conhecidos como túrannos (tirano) [...] (JONES, 1997, p.6-7).

Podemos perceber que os tiranos se aproveitam da situação, no qual, algumas classes não estavam felizes com a forma de governo que tirava os seus direitos, tal como mostra Jones:

[...] Os camponeses viam-se esmagados pelas dívidas. A escravidão era uma consequência possível. Outros proprietários de terras ressentiam-se do pagamento de em sexto de sua produção aos

senhores. A época parecia madura para a tirania. (JONES, 1997, p.7).

Após termos analisado esse processo político, pelo qual a Grécia passou podemos entender o surgimento da democracia, regime no qual os direitos dos cidadãos livres foram sendo aperfeiçoados. Esse desenvolvimento da democracia ocorreu no século V, quando a Grécia estava em transição para o período clássico. Nessa época o império<sup>2</sup> se via ameaçado pelos Persas. Podemos compreender um pouco mais sobre o que é democracia com a análise de Pedro Paulo Funari:

A democracia ateniense era direta podiam participar da assembléia do povo (Eclésia), que tomava as decisões relativas aos assuntos políticos, em placa pública. Entretanto, é bom deixar bem claro que o regime democrático ateniense tinha os seus limites. Em Atenas, eram considerados cidadãos apenas os homens adultos (com mais de 18 anos de idade) nascidos de pai e mãe atenienses [...] (FUNARI, 1989 p.36).

Não vamos nos aprofundar mais no assunto, já que o nosso objetivo é compreender o período arcaico grego e o processo de surgimento da democracia. Toda via, justificamos nossa abordagem historiográfica sobre a mitologia e a democracia grega, considerando que ambas estão relacionadas, já que os gregos pensavam que os deuses tinham um papel central na maneira com o qual funcionava o mundo, como na justiça e até mesmo no conceito de respeito ao indivíduo com as leis especiais dadas aos homens, como o respeito pelos suplicantes, arautos, forasteiros e mendigos que não estavam sobre a proteção da sua própria cidade.

Sendo assim procuramos demonstrar ao longo deste texto, a

relação que os humanos tinham com os deuses, que na concepção de Peter Jones, tais divindades exigiam um culto no sentido de reconhecimento humano, mas não os amava, nem exigia códigos de crença ou morais. Tais divindades apresentavam características e personalidades semelhantes as dos mortais, como exemplo, as variações nos sentimentos como o ódio pelo qual, Zeus sentiu quando Prometeu lhe enganou e roubou-lhe o brilho do fogo incansável, o amor representado por Afrodite e o ciúme de Hera por não aceitar a relação de Zeus com seu filho Hércules. Além das semelhanças, demonstramos também, que os deuses também tinham características que os distinguiam dos seres humanos, como a imortalidade, os poderes, a ausência de doenças e de velhice.

Sendo assim, fomos motivados a pesquisar sobre a Grécia, com o intuito de conhecermos melhor as nossas raízes culturais e políticas, das quais herdamos daquela sociedade grega. Assim como a filosofia, herdamos também à arte, em seguida a educação, a oratória, as contribuições dos filósofos como Aristóteles para a ciência, herdamos as tragédias gregas que tanto influenciaram nossos escritores e intelectuais e por fim o conceito que temos de lutar por nossos direitos, que remonta desde o desenvolvimento da democracia na Grécia, com o ostracismo, que era a retirada dos tiranos do poder.

Dessa forma, concluímos o presente trabalho com a consciência que para entender a nossa sociedade devemos analisar e compreender o nosso passado para que assim, saibamos interpretar e conhecer o contexto em que estamos inseridos, o qual se encontra interligado com o contexto em que outras civilizações viveram, assim como a civilização grega.

## Referências

CRÓNICA DE Alfonso X. (Ed.). Manuel

<sup>2</sup> Atenas vira Império de fato, com a criação da Liga de Delos, por Aristides no ano de 478 a. C

González FINLEY, M I: O legado da Grécia: Uma nova avaliação. Tradução de Yvette Vieira P. de Almeida. Brasília: UnB, 1998.

FUNARI, Pedro Paulo A. **Grécia e Roma**. 4ed. São Paulo: Contexto, 2006.

HESÍODO. **Os Trabalhos e os dias**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos Deuses**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

JONES, Peter v. **O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MOSSÉ, Claude. **Atenas: a história de uma democracia**. Brasília: Editora da UnB, 1997.

MOSSÉ, Claude. **A Grécia arcaica de Homero a Ésquilo**. Lisboa: Edições 70, 1989.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo: Martins fontes.